

10 NOV 1997

FRANKLIN MARTINS



de Brasília

Parou de rebolar

• O Governo anuncia hoje um duro pacote de ajuste fiscal, com severos cortes nos gastos públicos, aumento de alíquotas de alguns impostos e taxas e, talvez, demissões de funcionários. Nos próximos dias, o Banco Central vai fixar regras mais rígidas para a ação dos bancos de investimento, de modo a restringir a atividade especulativa. Tudo indica também que a Câmara votará esta semana a reforma administrativa, em segundo turno.

Tudo somado, está claro que o Governo tomou juízo e parou de rebolar em campo. Convenceu-se de que a situação é delicada e precisa ser enfrentada com seriedade. O próprio Fernando Henrique mudou o tom de seu discurso. Deixou de lado a frase de efeito do primeiro momento (a de que o Real seria uma "muralha firme" contra a especulação), para advertir o país de que não hesitará em adotar as medidas necessárias para defender a moeda e a economia brasileiras, por mais duras que elas sejam. Simbolizando que diminuiu a dose de auto-suficiência da equipe econômica, parou-se de falar em "saco de maldades". A expressão da moda agora é "remédio amargo". Os bruxos estão em baixa e os médicos em alta. Tudo isso é muito bom. Pelo menos, tem uma aparência mais científica.

Se os remédios ministrados são, de fato, os mais adequados para baixar a febre especulativa e robustecer a saúde

dramatizando o fato de que nossa moeda hoje está enfrentando sérias ameaças, Fernando Henrique, na prática, está escolhendo o terreno que lhe é mais favorável na disputa eleitoral, o da defesa do Real.

Isso é tudo que não interessa à oposição. Para ela, o ideal seria que a campanha se concentrasse no pós-Real, ou seja, naquelas frentes, como crescimento do emprego, diminuição da miséria, melhoria da educação, situação da saúde pública, progressos na reforma agrária etc, em que o Governo tem colhido resultados bastante magros e, portanto, pode mais facilmente ser criticado. Tomemos o exemplo da Argentina. Foi por ter conseguido deslocar o centro do debate político, antes situado no processo de estabilização da economia, para a lentidão na solução dos problemas sociais que a oposição daquele país logrou impor, nas eleições do mês passado, uma frigorosa derrota ao presidente Carlos Menem.

da nossa economia, são outros quinhentos. Mesmo os médicos mais ortodoxos — pelo menos aqueles dentre eles que acham que têm algo a aprender com as mudanças que estão ocorrendo no mundo — têm dúvidas sobre a eficácia da farmacopéia tradicional no combate às modernas e pouco estudadas doenças econômicas disseminadas pela globalização. Daqui a algum tempo, saberemos se essas inquietações justificam-se ou não.

Por ora o que importa é que o Governo está dando prova de determinação política ao lançar-se com firmeza na defesa do Real, mesmo que ao preço de tomar medidas tidas como impopulares, como aumento de impostos, demissão de funcionários etc. Assim, às âncoras cambial e monetária, Fernando Henrique está acrescentando uma âncora política: o Governo prefere sofrer desgaste político a ver crescer a incerteza na economia. Às vésperas de eleições gerais, como as do ano que vem, trata-se de um comportamento raro. Afinal, em tempos de campanha, candidatos costumam abrir a bolsa e cortejar eleitores, jamais fechar a mão e contrariar os interesses imediatos dos cidadãos que vão às urnas.

Mas até que ponto, por detrás desse comportamento inusitado, não existe também um refinado cálculo político? Ao adotar medidas amargas e, à primeira vista, impopulares,

Com os movimentos dos últimos dias, Fernando Henrique, consciente ou inconscientemente, restringiu a margem de manobra da oposição. Se a moeda está correndo riscos sérios, existindo a possibilidade de retrocessos no processo de estabilização da economia, é inevitável que a agenda política seja tomada pela discussão em torno dos melhores caminhos para defender o Real. O debate sobre o pós-Real, queira ou não a oposição, acabará ocupando um lugar periférico na campanha. Na prática, ficará para depois.

Nessas circunstâncias, é evidente que Fernando Henrique sairá lucrando. Quem poderá defender melhor nossa moeda? Quem a trouxe ao mundo ou quem não apostou nela? Quem a embalou durante quatro anos ou quem a tratou como uma arrivista de propósitos duvidosos? É o tipo do debate em que FH tende a estar a cavaleiro e a oposição na defensiva, a menos, é claro, que a situação da economia fuja ao controle. Nesse caso, o eleitor poderia entrar em pânico e optar por um salto no escuro. Que Fernando Henrique cruce os dedos.

Aliás, é curiosa a situação do nosso presidente. Começou seu mandato como refém dos humores do Congresso. Vai terminá-lo como refém dos humores do mercado financeiro. Para quem gosta de viver perigosamente, é um prato cheio.

E-mail para esta coluna: franklin@bsb.oglobo.com.br